

EDUARDO JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Sumário da lição para Provas de Agregação em Psicologia,

Área de Aconselhamento

(elaborado nos termos do Decreto-Lei n.º 239/2007 de 19 de Junho)

Lição: Aconselhamento psicológico: diversidade e integração.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA - ABRIL, 2009

Aconselhamento psicológico: diversidade e integração.

“A theoretical system is always in danger of becoming a fossilized remnant of what was once a vital insight, even in the hands of the person who developed it. It was presumably for this reason that Jung once remarked (in Progoff, 1953): "I am not a Jungian and I never could be." (Safran & Messer, 1997, 150)

Índice

Introdução (p. 4)

Epistemologia da diversidade (p. 7)

Aconselhamento psicológico: Referenciação histórica/epistemológica e enquadramento conceptual, metodológico e profissional. (p. 9)

Dimensões fractais do campo do Aconselhamento: Da hermenêutica epistemológica à sua organização científico-prática. (p. 15)

Da diversidade à integração em Aconselhamento: Síntese e prospectos. (p. 18)

Referências bibliográficas (p. 22)

Introdução

O campo do Aconselhamento Psicológico, de entre as muitas especialidades teóricas e práticas das ciências comportamentais, possui especificidades próprias, das quais destacamos nesta lição a da harmonização dialéctica entre, por um lado, a diversidade de abordagens conceptuais, a pluralidade de métodos de intervenção prática e a diferenciação de problemas de investigação, e, por outro lado, a integração teórica, o ecletismo técnico, e as sínteses epistemológicas. De facto, a essência do Aconselhamento (e da psicoterapia) reside, em muito, na ciência e na arte de estabelecer pontes entre a estabilidade comportamental e as virtualidades de mudança e de desenvolvimento do ser humano (Messer, 1992; Stricker & Gold, 1993), nos seus múltiplos contextos e sistemas de evolução (Safran & Messer, 1997); esta é a sua matriz identitária.

Esta dinâmica epigenética (e quase paradoxal) do domínio do Aconselhamento pode ser ilustrada, por exemplo, no discurso científico dialógico estabelecido entre a Psicologia Social e a Consulta Psicológica (Strong, Welsh, Corcoran & Hoyt, 1992), à partida distantes, presente nas seguintes proposições:

- contextualizada na diversidade de abordagens teóricas da Consulta Psicológica, podemos entender a eficácia terapêutica como uma convergência entre cliente e terapeuta adentro de um processo sistemático de desenvolvimento;
- a discrepância e diversidade de ideias introduzidas no processo de aconselhamento pelo terapeuta provocam a dinâmica de mudança no cliente;

- independentemente da orientação teórica do terapeuta, a relação de aconselhamento funciona como um processo de interacção psicossocial, em que o cliente responde a dinâmicas de “influência” cognitivo-afectiva.

Evidenciam-se, aqui, as problemáticas da convergência, diversidade e interaccionismo próprias do Aconselhamento Psicológico.

Assim, perante uma via de “hiperespecialização” científica e interventiva (Bailey, 2001; Debora, 2003), que nos distancia em termos epistemológicos, é necessário o diálogo conceptual, mais do que eclético, diversificado e simultaneamente integrativo, já presente em muitas áreas nucleares das ciências humanas e sociais (e.g., Murphy, 1996), e fundamentais na psicologia, nomeadamente do Aconselhamento (e.g., Schneider & May, 1995).

Em suma, o que se pretende é a conciliação entre a natural lógica do crescimento, e diferenciação científica (pluralismos, ao serviço de todos), e a interdisciplinaridade (para além da multidisciplinaridade), para não almejar a quase utópica transdisciplinaridade (Polkinghorne, 1984), ou metadisciplinaridade (Prochaska, 1995).

Este movimento alargado, mas que em nossa opinião tem uma relevância paradigmática bastante desenvolvida e específica no campo do Aconselhamento, está presente nos desafios sociais e comunitários que em 1992 Reuchlin nos colocava, na emergência de novas publicações científicas – e.g., *Journal of Psychotherapy Integration*, e no facto de que a diversidade em Psicologia (e.g., Kahhale, 2008) na interacção dialéctica com a Psicologia da diversidade (e.g., Blaine, 2007) resulta num amplo movimento integrativo, que, exemplarmente, no domínio específico do Aconselhamento de Carreira iniciou os seus primeiros passos com Savickas e Lent (1994), nunca mais os interrompendo (Young & Valach, 2008). Mais precoce do ponto

de vista histórico, no domínio estrito da psicoterapia, Patterson (1967) já se colocava perante estes dilemas.

Epistemologia da diversidade

É perante este enquadramento que poderemos argumentar que o Aconselhamento tem um pensamento matricial e uma *praxis* enraizados numa epistemologia da diversidade. Analisemos, pois, a sua essência estrutural:

o sujeito de aconselhamento psicológico constitui-se enquanto objecto, simultaneamente, científico e terapêutico, na relação com o Outro, condição de alteridade, contingencial à formação da Identidade (Lacan, 1966). Dito de outro modo, auto-organiza-se, auto-constrói-se e auto-reconstrói-se numa interacção complexa e evolucionária com os seus sistemas proximais, distais e virtuais de desenvolvimento (Ford & Ford, 1987). É assim um sujeito histórico na acepção de Foucault (1974), e por essa razão diversificado/diferenciado na sua identidade (Hall, 2003). Acedê-lo, quer numa intencionalidade metodológica (Zanella et al., 2006), quer terapêutica (no sentido do “counseling”), implica uma postura ontológica e dialéctica, onde objectividade e subjectividade, quantitativo e qualitativo, coexistem fenomenologicamente (Sartre, 2000), contextualizados, por último, numa referenciação histórico-cultural próxima do pensamento genotípico de Vygotsky (1996); ou, mesmo quando nos reportamos a contextos macro-políticos (cf. Santos & Ferreira, 1998; Santos, Ferreira & Chaves, 2001).

Em síntese, as “comunidades de prática” (Wenger, 1998) saem reforçadas por epistemologias de diversidade, mesmo quando estas se afiguram como alegadamente “caóticas” ou até “metafísicas” (Dupre, 1993; Keller, 1996; Lazarus & Messer, 1991). A suficiência positivista da alegada eficiência terapêutica dos métodos construídos numa base puramente dedutiva, transhistórica, não axiológica, e abstracta constituirão um reducionismo se não se contemplar complementarmente com necessárias alternativas de

empiricismo, contextualismo sistémico e construccionismo pós-moderno, conforme Morawski (1994), a título de ilustração, nos propõe a propósito das problemáticas feministas em psicologia. Quer numa abordagem mais englobante de compreensão do Eu numa perspectiva histórica (Cushman, 1990), quer em questões básicas como a relação comportamento-raça (Guthrie, 1998), quer em temas de natureza ecológica (Heft, 2001; Patton & McMahon, 2006; Vondracek, Lerner & Schulenberg, 1986), quer, finalmente, em assuntos tão específicos como os pertencentes às neurociências do género (Wilson, 1998), entre outros, compreendemos que entre ciência psicológica, aconselhamento psicológico e sujeitos, e os seus contextos, existe um “nominalismo dinâmico” de co-construção (Hacking, 1995), verdadeiro gerador de aleatoriedade.

Stats, em 1991, alertava-nos para estes factos no domínio geral da Psicologia, e que na área do Aconselhamento se tornam extraordinariamente sensíveis (Santos, Ferreira, Blustein et al, 2001; Santos & Ferreira, 1998).

Aconselhamento psicológico: Referenciação histórica/epistemológica e enquadramento conceptual, metodológico e profissional.

Começaremos, por razões de método do discurso, por clarificar algo que tem estado previamente assumido – o facto de considerarmos que aconselhamento e psicoterapia são conceitos intermutáveis, como nos indica a designação oficial da British Association for Counseling and Psychotherapy (<http://www.bacp.co.uk/education/whatiscounselling.html>):

“It is not possible to make a generally accepted distinction between counselling and psychotherapy (sublinhado nosso). There are well founded traditions which use the terms interchangeably and others which distinguish between them. If there are differences, then they relate more to the individual psychotherapist's or counsellor's training and interests and to the setting in which they work, rather than to any intrinsic difference in the two activities. A psychotherapist working in a hospital is likely to be more concerned with severe psychological disorders than with the wider range of problems about which it is appropriate to consult a counsellor. In private practice, however, a psychotherapist is more likely to accept clients whose need is less severe. Similarly, in private practice a counsellor's work will overlap with that of a psychotherapist. Those counsellors, however, who work for voluntary agencies or in educational settings such as schools and colleges usually concentrate more on the 'everyday' problems and difficulties of life than on the more severe psychological disorders. Many are qualified to offer therapeutic work which in any other context would be called psychotherapy”.

É, assim, nossa convicção que entre aconselhamento e psicoterapia as eventuais diferenças são mais de natureza referenciada a “settings” de aplicação do que a questões de definição de objecto e de método; são ambas diversidades daquilo que Brammer e Shostrom (1977) apelidaram de Psicologia terapêutica, adentro de um campo muito vasto de investigação, teoria e prática (Feltham & Horton, 2004).

Especificamente, em termos de matriz teórica, a American Psychological Association (APA) revela que a orientação maioritária no campo do Aconselhamento (e curiosamente da Psicologia Clínica, que neste país partilha os “settings” de formação pós-graduada de nível doutoral, designados por internatos) é a eclética/integrativa (29%) (Bechtoldt et al, 2000), não obstante a diversidade de contextos profissionais de acção (Fitzgerald & Osipow, 1986; Watkins et al, 1986). Ainda do ponto de vista das afinidades teórico-práticas, saliente-se em termos históricos a ligação “fraternal” do Aconselhamento com a Psicologia Escolar (Whitely, 1980), e mais modernamente com a Psicologia da Saúde (e.g., Lopez & Brennan, 2000).

Recolocando as questões em termos de definição operacional (por razões de método do discurso, recorrendo à análise do discurso oficial) do que é Aconselhamento psicológico, e usando a referência da American Psychological Association (www.apa.org), entende-se por “counseling psychology”:

“Counseling psychology is a general practice and health service provider specialty in professional psychology. It focuses on personal and interpersonal functioning across the life span and on emotional, social, vocational, educational, health-related, developmental and organizational concerns. Counseling psychology centers on typical or normal developmental issues as well as atypical or disordered development as it applies to human experience from individual, family, group,

systems, and organizational perspectives. Counseling psychologists help people with physical, emotional, and mental disorders improve well-being, alleviate distress and maladjustment, and resolve crises. In addition, practitioners in this professional specialty provide assessment, diagnosis, and treatment of psychopathology.”

Utilizando a mesma referência, e como reforço ao explanado acima, do ponto de vista do enquadramento teórico e metodológico, o Aconselhamento psicológico tem como critérios de posicionamento os seguintes:

“Building upon a core knowledge base of general psychology (i.e., the biological, cognitive/affective, social, and individual bases of behavior, history and systems of psychology) common to the other applied specialties within professional psychology, the competent and skillful practice of Counseling Psychology requires knowledge of career development and vocational behavior, individual differences (including racial, cultural, gender, lifestyle, and economic diversity), psychological measurement and principles of psychological/diagnostic and environmental assessment, social and organizational psychology, human life span development, consultation and supervision, psychopathology, learning (cognitive, behavioral), personality, methods of research and evaluation, and individual and group interventions (counseling/psychotherapy).”

Do ponto de vista da actividade profissional, o Aconselhamento serve as seguintes populações, ainda segundo a referência da APA:

“Client populations served by counseling psychologists can be organized along three dimensions: individuals, groups (including couples and families) and organizations. Counseling psychologists work with individual clients of all ages such as children who have behavior problems; late adolescents with educational

and career concerns or substance abuse problems; adults facing marital or family difficulties, career shifts, or overcoming disabilities; older adults facing retirement. They work with groups in a variety of settings toward achieving solutions to many of these same problems, as well as toward enhancement of personal and interpersonal functioning. Counseling psychologists also consult with organizations and work groups to help provide a work environment conducive to human functioning and to enhance the ability of organizations to increase productivity and effectiveness.”

Por último, e no que concerne a, respectivamente, problemas e procedimentos, e ainda segundo a APA (que propositadamente referenciamos no original por questões de rigor), estes alinham-se segundo o seguinte paradigma:

“The problems addressed by the specialty of Counseling Psychology are varied and multifaceted and are addressed from developmental (lifespan), environmental, and cultural perspectives.”

Paradigma que se aplica desde as questões educacionais e vocacionais/carreira/trabalho que são uma das matrizes fundadoras do Aconselhamento psicológico, às questões das transições normativas e não-normativas do desenvolvimento humano, passando pelos domínios relacionais, quer a nível individual, familiar e organizacional, até campos específicos como as deficiências e a doença mental, e culminando na promoção da saúde e do bem-estar psicológico.

Perante esta vasta gama de problemas, no Aconselhamento psicológico, em termos de procedimentos e técnicas, as abordagens incluem intervenções individuais, familiares, grupais e sistémicas, comportamentais e psicoterapêuticas, em situação de

crise ou normativa, apoiadas em métodos de avaliação psicológica, incluindo estratégias de consultadoria, prevenção, treino clínico e investigação científica.

Referenciando-nos, por uma última vez à APA, e como conclusão:

“Intervention procedures and techniques have as their focus change in client cognitions, feelings and behavior and may be preventive, skill-enhancing or remedial. The intervention procedures may range from short term or time-specified to longer term approaches.”

Podemos assim, neste ponto, verificar que desde um nível fundacional epistemológico, e que se alarga às questões conceptuais, metodológicas e profissionais, a identidade do campo do Aconselhamento pode caracterizar-se como sendo de “banda larga”, e preferencialmente diversa e integradora. Uma análise de conteúdo das citações referenciadas acima necessitaria, sem dúvida, de um sistema de representação multiaxial, tal a complexidade deste campo, e a sua diversidade, embora organizada em torno de plausíveis comunicações.

Se procurarmos razões para este perfil de “scientist-practitioner” (cf. Hansen & Freimuth, 1997; Maynard-Moody & Musheno, 2003; McLeod, 2003, Waehler, Kalodner, Wampold & Lichtenberg, 2000), bem caro a esta área, poderemos encontrar no contexto histórico do nascimento do Aconselhamento uma pista fundamental para a sua compreensão. Foi com Parsons que a partir de 1909 ficou definitivamente lançada a primeira pedra do movimento do Aconselhamento Psicológico, já na época extremamente interrelacionado com questões de natureza social, através da criação de Centros de Orientação Juvenil, em colaboração com o município da cidade norte-americana de Boston, num “mundo novo” aberto ao grande fluxo migratório. Por outro lado, nasce em simultâneo o Movimento de Saúde Mental criado por Clifford Beers

(1981), destinado a oferecer serviços de Aconselhamento em contextos psiquiátricos, que ultrapassassem as limitações do modelo médico. Nos anos 30, a figura extraordinária de Carl Rogers revoluciona o campo da Psicologia Clínica ao trazer para o centro do processo de Aconselhamento e Psicoterapia uma nova realidade: a “pessoa” (Rogers, 1961)! Na cena internacional, e a título de exemplo, no contexto francófono em 1928 são criados os primeiros Conselhos de Orientação Profissional, e mais tarde nos anos 60 o Aconselhamento alarga-se à Consulta Conjugal. Uma forma magnífica do reconhecimento internacional do Aconselhamento é a sua inclusão pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1987, como uma das estratégias fundamentais de intervenção com os pacientes infectados pelo HIV. Em Portugal, seguem-se, com as naturais moratórias, os movimentos internacionais (Duarte, Paixão & Lima, 2007).

Verificamos, portanto, que o Aconselhamento tanto pelas suas raízes históricas, como pela sua configuração actual, e pelas perspectivas de futuro que se colocam, se assume como um ponto de encontro de tendências diversas na busca de uma “gestalt” integradora.

Dimensões fractais do campo do Aconselhamento: Da hermenêutica epistemológica à sua organização científico-prática.

Será por este conjunto de razões e dimensões fractais (Abraham & Shaw, 1992), que no campo do Aconselhamento existe uma preocupação especial sobre a própria pessoa do terapeuta, tais as exigências que se lhe coloca, num mundo ainda muito dominado por lógicas cartesianas; refiram-se a este propósito as obras de Baker (2002), Goldfried (2000), Kotler (2003), Pipher (2003), e Yalom (2002), que nos podem fornecer pistas hermenêuticas sobre a evolução epistemológica deste campo. A qual, quando referenciada a novas formas de comunicação virtual, evoluirá certamente em termos interpretativos de formas surpreendentes (cf. Gore, Leuwerke & Krumboltz, 2002), com implicações realmente importantes aos níveis da pesquisa (Watkins, 1991), e da avaliação psicológica (Watkins, 1990), tanto na abordagem mais clássica e individual (Brown & Lent, 2005; Gelso & Fretz, 1992), quanto na abordagem grupal (DeLucia-Waack, Gerrity, Kalodner & Riva, 2004; Furhiman & Burligame, 1994), no fundo, contrastando indivíduos e diversidades (Betz & Fitzgerald, 1993; Borgen, 1989).

Como num “fio de Ariadne” (Verene, 1997), procuremos, neste “labirinto” da harmonia entre diversidade e unidade, percorrer algumas pistas hermenêuticas, e simultaneamente heurísticas:

como escreve Bateson (1989), a vida é composta de experiências, reencantamentos (Berman, 1981), de procura de sentidos existenciais há muito experienciados (Frankl, 1963, 1967; Maslow, 1962; May, Angel & Ellenberg, 1958; Van Dusen, 1973), mesmo de transcendência e espiritualidade (James 1990; Kopp, 1976). De inúmeras diferenças e, simultaneamente, nexos: e.g., os do género (Belenky,

Clinchy, Goldberg & Tarule, 1986; Enns, 1993; Gilligan, 1982; Mahalik, 1999), os da orientação sexual (Cornett & Hudson, 1986; Holtzen, Kenny & Mahalik, 1995), os da raça (Helms, 1992; Katz, 1978), os das desigualdades e injustiças (Kozol, 1991), entre muitos outros! Forjados na precocidade das relações (Bretherton, 1995; Karen, 1994), na intimidade (Lerner, 1989), na família (Napier & Whitaker, 1978),... na cultura (Rothbaum, Weisz, Pott, Miyake & Morelli, 2000). Reencontrados na relação de Aconselhamento entre uma pessoa, o(a) terapeuta (Carkuff & Berenson, 1977; Henry, Strupp, Butler, Schacht & Binder, 1993; Kivlighan, Patton & Foote, 1998), e o cliente na sua complexidade narrativa (Polster, 1987), eles próprios integrados num processo comunicacional com intencionalidade de mudança e resolução de problemas (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1967; Watzlawick, Weakland & Fisch, 1972).

Embrenhados nestas múltiplas “narrativas”, investigadores e especialistas desenvolveram ao longo dos tempos múltiplas conectividades, partindo de pressupostos, por vezes, radicalmente diferentes (cf., e.g., Blatt & Maroudas, 1992; Kahn, 1985; Kohlenberg & Tsai, 1995; Robbins, 1989), assumindo a psicoterapia e o aconselhamento como um processo de modificação comportamental (Bergin & Garfield, 1994), passível de investigação fundamental e aplicada (cf., e.g., Ahn & Wampold, 2001; Greenberg & Pinsof, 1986; Rice & Greenberg, 1984; Luborsky, Barber & Crits-Christoph, 1990; Sexton & Whiston, 1994; Strupp, 1989; Toukmanian & Rennie, 1992).

A “transcrição” e compreensão destas realidades fenomenais desde o seu nível epistemológico para a literatura (Gladding, 2003), magistralmente condensadas nos “manuais” da especialidade, organizadores conceptuais e técnicos, revelam nas suas propostas a diversidade integradora do caleidoscópio existencial no domínio do

Aconselhamento (cf., Feltham & Horton, 2004): desde os enquadramentos sócio-culturais da intervenção, passando pelas competências terapêuticas, as preocupações profissionais éticas e deontológicas, os inúmeros modelos conceptuais, as tipologias de problemas, a avaliação construtiva e os recursos disponíveis.

Edifica-se, assim, este campo como um verdadeiro universo de construção indutiva (Cottone, 1989, 1992, 2001), alicerçado num paradigma culturalmente sensível, isto é, diverso (Baruth & Manning, 2007; D'Andrea, 2000; Sue & Sue, 2003), e pós-moderno (Ellis, 1996, 1997a, 1997b, 2000), na abrangência que a saúde/doença mental hoje representa.

Da diversidade à integração em Aconselhamento: Síntese e prospectos.

No decurso do que até agora explanámos, o confronto entre diferenciação e convergência tem resultado numa comunhão de diversidade e integração. Esta reflexão é situada historicamente (cf. Blustein, 1996), e podemos encontrar em autores fundadores desta disciplina, como Rogers (1961) ou Allport (1965), um verdadeiro pensamento precursor das modernas ideias sobre esta temática. Vários são os pontos de encontro em matéria de integração:

- a constatação do “sofrimento” humano como base maioritária para o pedido dos clientes;

- a crença na capacidade de mudança do ser humano;

- a verificação que através da “ projecção” do cliente em estados futuros será possível uma dinâmica transformacional aos níveis comportamental e de estrutura de personalidade;

- a importância, verificada empírica e clinicamente, dos processos de relação e comunicação intencional no aconselhamento/psicoterapia, base do estabelecimento de uma “aliança terapêutica” com o *Outro*, como factores essenciais à consecução dos anteriores (cf. Wachtel, 1993).

Mesmo no campo mais situacional da psicopatologia, nas suas relações integrativas com o aconselhamento, poderemos visioná-la como uma fenomenologia sintética da relação do Eu com um Eu disfuncional (cf. Bohart, 1992; Todd & Bohart, 2006). E deste modo, o aconselhamento como um processo de facilitação da comunicação do Eu com o Eu (cf. Bohart, 2001; Bohart & Tallman, 1999), assente

numa base relacional empática (cf. Bohart & Greenberg, 1997), onde o cliente é o centro (Anderson & Goolishian, 1992), criador de sentidos (Csiksentmihalyi, 1996; Gardner 1994). Preexiste a este raciocínio uma concepção epistémica de um sujeito agêntico, envolvido num processo de produção de novos significados psicológicos, em torno de “estórias” psicolinguísticas, metafóricas, culturais e contextualizadas (cf., Gergen, 1988; Gonçalves & Gonçalves, 2000; Lakoff & Johnson, 1980; Sarbin, 1986; Valach & Young, 2002; Wertsch, del Rio & Alvarez, 1995), de modelação de novos percursos comportamentais, mesmo de transformação pessoal, que, inclusive numa aceção mais estrutural (psicanalítica ou traço-factor), se pode entender numa analogia matemática como a criação terapêutica de “derivadas” psíquicas mais adaptativas para o cliente (Chiari & Nuzzo, 1996).

Perante a extensa obra produzida no campo do Aconselhamento, e destacando o que de mais simbólico se tem editado, poderíamos verificar que, por exemplo, quando nos reportamos a estas questões, Andrews (1991) chama-nos a atenção para a necessidade do terapeuta, ele próprio, reflectir sobre opções de estilo terapêutico, mas, igualmente, teremos de meditar sobre o papel da própria experiência como forma de apropriação da realidade e de mudança (Bohart & Wugalter, 1990), ou ainda da extensão dos nossos paradigmas aos sistemas organizacionais (Curtis, 1990).

Neste contexto, várias opções se colocam ao movimento integracionista em Aconselhamento (Norcross & Goldfried, 2005; Stricker, 1994):

- a abordagem dos factores comuns, isto é, a busca dos denominadores comuns na intervenção das várias escolas;

- a abordagem da integração assimiladora, isto é, a complementaridade das escolas em torno de uma principal (opção terapêutica do especialista);

- a abordagem do ecletismo técnico, isto é, a aproximação de técnicas pela sua mais valia em termos de eficácia terapêutica, validada empiricamente ou com base em evidência;

- por último, a integração teórica, mais holística, e que de certo modo inclui as restantes.

Em nossa opinião, as quatro opções atravessam transversalmente o campo do Aconselhamento, embora em proporções diferentes consoante a área específica em causa. Veja-se, por exemplo, numa área de ponta e altamente especializada, como o tratamento do “stress” traumático, tendo como núcleo uma técnica inovadora – EMDR, se estrutura numa conceptualização integrativa terapêutica de grande latitude psicológica (cf. Lipke, 1999). E não é por razões de especificidade técnica, ou abrangência teórica, ou ambas (Brooks-Harris, 2008), que não é possível para o terapeuta encontrar a sua “solução” personalizada em termos de diversidade e integração, como nos referem Lapworth, Sills e Fish (2004), na intencionalidade última do serviço ao cliente (Roth & Fonagy, 1996).

Em síntese, existe um esforço significativo em:

- se articularem complementarmente diferentes modos de aconselhamento;
- se considerarem em interacção todos os aspectos e facetas do ser humano;
- se fundamentarem empiricamente as intervenções;
- se estabelecer uma linguagem teórica comum;
- se organizar um conjunto de princípios “meta-teóricos” sobre a mudança terapêutica.

Nesta perspectiva, nunca estaremos perante as dificuldades do relativismo, mas no empreendimento de uma “tradução” mutuamente recíproca de conceitos e técnicas (Friedman, 1998), mesmo entre orientações à partida incompatíveis como a psicanálise e a abordagem comportamentalista (cf. Young & Beier, 1998); estas poderão advir de referenciais os mais distantes possíveis através do diálogo, por exemplo, com filosofias orientais (cf. Brazier, 1995), ou estabelecendo compromissos tão estimulantes, e ainda actuais, como o que Wachtel (1981) nos propõe em termos da articulação entre a noção piagetiana de esquema/assimilação e o conceito psicanalítico de transferência. Outro campo imensamente promissor é o da articulação entre a perspectiva narrativa e a perspectiva metalinguística no “coração” do processo de aconselhamento, iniciado por Patton (1997) e Bieber, Patton e Fuhrman (1977).

Estes poderão ser novos prospectos para a problemática da diversidade e integração no Aconselhamento psicológico, acrescida da pluralidade metodológica, da diferenciação na pesquisa, do ecletismo terapêutico, em síntese, da proposta de uma nova epistemologia, sobretudo se encararmos frontalmente desafios radicais como os presentes nos pressupostos da *teoria do caos* aplicada à Psicologia (cf. Abraham & Gilgen, 1995), e em especial ao aconselhamento de carreiras de que os trabalhos de Bloch (2005), Pryor e Bright (2006), e de Jacobs e Blustein (2008) são referências essenciais.

Referências bibliográficas

- Abraham, F. D., & Gilgen, A. R. (1995). *Chaos theory in psychology*. Westport, CT: Praeger. Publishing Group.
- Abraham, R. H., & Shaw, C. D. (1992). *Dynamics, the Geometry of Behavior* (2nd ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Ahn, H., & Wampold, B. E. (2001). Where of where are the specific ingredients? A meta-analysis of component studies in counseling and psychotherapy. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 251-257.
- Allport, G. W. (1965). Psychological Models for Guidance (pp. 13-23). In R. L. Mosher, R. F. Carle & C. D. Kehas (Eds.), *Guidance: An Examination*. New York: Harcourt, Brace & World.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy. In S. McNamee & K. J. Gergen (Eds.), *Therapy as social construction* (pp. 25-39). London: Sage.
- Andrews, J. D. W. (1991). *The active self in psychotherapy: An integration of therapeutic styles*. Boston: Allyn & Bacon.
- Bailey, K. D. (2001). Towards unifying science: Applying concepts across disciplinary boundaries. *Systems Research and Behavioral Science*, 18, 41-62.
- Baker, E. K. (2002). *Caring for ourselves: A therapist's guide to personal and professional wellbeing*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Baruth, L. G., & Manning, M. L. (2007). *Multicultural counseling and psychotherapy: A lifespan Perspective* (4th ed.). Columbus, OH: Pearson Merrill Prentice Hall.

- Bateson, M. C. (1989). *Composing a life*. New York: Atlantic Monthly Press.
- Bechtoldt, H., Wyckoff, L. A., Pokrywa, M. L., Campbell, L. F., & Norcross, J. C. (2000, March). *Theoretical orientations and employment settings of clinical and counseling psychologists: A comparative study*. Poster presented at the 71st annual convention of the Eastern Psychological Association, Baltimore, MD.
- Beers, C. (1981). *A Mind That Found Itself*. Pittsburgh and London: University of Pittsburgh Press.
- Belenky, M. D., Clinchy, B. M., Goldberger, N. R., & Tarule, J. M. (1986). *Women's ways of knowing*. New York: Basic Books.
- Bergin, A., & Garfield, S. (1994). *Handbook of Psychotherapy and Behavior Change*. New York: Wiley.
- Berman, M. (1981). *The reenchantment of the world*. Ithaca: Cornell University Press.
- Betz, N. E., & Fitzgerald, L. F. (1993). Individuality and diversity: Theory and research in counseling psychology. *Annual Review of Psychology*, 44, 343-381.
- Bieber, M. R., Patton, M. J., & Fuhrman, A. J. (1977). A metalanguage analysis of counselor and client verb message usage in counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 4, 264-271.
- Blaine, B. E. (2007). *Understanding the psychology of diversity*. London: Sage.
- Blatt, S. J., & Maroudas, C. (1992). Convergence of psychoanalytic and cognitive behavioral theories of depression. *Psychoanalytic Psychology*, 9, 157-190.

- Bloch, D. P. (2005). Complexity, chaos, and nonlinear dynamics: A new perspective on career development theory. *The Career Development Quarterly*, 53, 3, 194-207.
- Blustein, D. L. (1996). Counseling Psychology in the U.S.A.: Historical perspectives, current status, and future directions. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10-11, 5-20.
- Bohart, A. (1992). Un modelo integrador de proceso para la psicopatología y la psicoterapia. *Revista de Psicoterapia*, 3, 49-74.
- Bohart, A. C., & Greenberg, L. S. (1997). *Empathy reconsidered: New Directions on Psychotherapy*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bohart, A. C., & Tallman, K. (1999). *How clients make therapy work: The process of active self-healing*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bohart, A. C. (2001). A meditation on the nature of self-healing and personality change in psychotherapy based on Gendlin's theory of experiencing. *The Humanistic Psychologist*, 29, 249-279.
- Bohart, A. C., & Wugalter, S. (1990). Change in experiential knowing as a common dimension in psychotherapy. *Journal of Integrative and Eclectic Psychotherapy*, 10, 14-37.
- Borgen, F. H. (1989). Evolution of eclectic epistemology. *The Counseling Psychologist*, 17(1), 90-97.
- Brammer, L., & Shostrom, E. (1977). *Therapeutic Psychology: Fundamentals of Counseling and Psychotherapy* (3rd ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

- Brazier, D. (1995). *Zen therapy: Transcending the sorrows of the human mind*. New York: Wiley.
- Bretherton, I. (1995). The origins of attachment theory. In S. Goldberg, R. Muir & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives*. Hillsdale, New Jersey: The Analytic Press.
- Brooks-Harris, J. (2008). *Integrative Multitheoretical Psychotherapy*. Boston. Houghton-Mifflin.
- Brown, S. D., & Lent, R. W. (Eds.) (2005). *Handbook of Counseling Psychology* (3rd ed.). New York: Wiley.
- Carkhuff, R. C., & Berenson, B. G. (1977). *Beyond counseling and therapy*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Chiari, G., & Nuzzo, M. L. (1996). Psychological Constructivisms: A Metatheoretical Differentiation, *Journal of Constructivist Psychology*, vol. 9, 5, 163-184.
- Cornett, C. W., & Hudson, R. A. (1986). Psychoanalytic theory and affirmation of the gay lifestyle: Are they necessarily antithetical? *Journal of Homosexuality*, 12, 97-108.
- Cottone, R. R. (1989). The third epistemology: Extending Maturana's structure determinism. *The American Journal of Family Therapy*, 17, 99-109.
- Cottone, R. R. (1992). *Theories and paradigms of counseling and psychotherapy*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Cottone, R. R. (2001). A social constructivism model of ethical decision making in counseling. *Journal of Counseling and Development*, 79, 39-45.

- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity and the Psychology of Discovery and Invention*. N.Y.: Harper Collins.
- Curtis, R. (1991). Towards an integrative theory of psychological change in individuals and organizations: A cognitive-affective regulation model. In R. Curtis & G. Stricker (Eds.), *How people change: Inside and outside therapy*. New York: Plenum.
- Cushman, P. (1990). Why the Self is Empty: Toward a Historically Situated Psychology. *American Psychologist*, 45, 599-611.
- D'Andrea, M. (2000). Postmodernism, constructivism, and multiculturalism: Three forces reshaping and expanding our thoughts about counseling. *Journal of Mental Health Counseling*, 22,1-16.
- Debora, H. (2003). *The Science of Synthesis: Exploring the Social Implications of General Systems Theory*. University Press of Colorado: Boulder.
- DeLucia-Waack, J. L., Gerrity, D. A., Kalodner, C. R., & Riva, M. T. (Eds.) (2004). *Handbook of group counseling and psychotherapy*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Duarte, M. E., Paixão, M. P., & Lima, M. R. (2007). Perspectives on Counseling Psychology: Portugal at a Glance. *Applied Psychology: An International Review*, 56 (1), 119-130.
- Dupre, J. (1993). *The Disorder of Things: Metaphysical Foundations of the Disunity of Science*. Cambridge: Harvard University.
- Ellis, A. (1996). A social constructionist position for mental health counseling: A reply to Jeffrey T. Guterman. *Journal of Mental Health Counseling*, 18, 16-28.

- Ellis, A. (1997a). Postmodern ethics for active-directive counseling and psychotherapy. *Journal of Mental Health Counseling, 19*, 211-225.
- Ellis, A. (1997b). Response to Jeffrey T. Guterman's response to my critique of his article, "A social constructionist position for mental health counseling." *Journal of Mental Health Counseling, 19*, 57-63.
- Ellis, A. (2000). A continuation of the dialogue about counseling in the postmodern era. *Journal of Mental Health Counseling, 22*, 97-107.
- Enns, C. Z. (1993). Twenty years of feminist counseling and therapy: From naming biases to implementing multifaceted practice. *The Counseling Psychologist, 21*, 3-87.
- Feltham, C., & Horton, I. (Eds.) (2004). *Handbook of Counselling and Psychotherapy*. London: Sage.
- Fitzgerald, L. F., & Osipow, S. H. (1986). An occupational analysis of counseling psychology: How special is the specialty? *American Psychologist, 41*, 535-544.
- Ford, D., & Ford, M. (1987). *Humans as Self-Constructing Living Systems: Putting the Framework to Work*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Foucault, M. (1974). *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Frankl, V. E. (1963). *Man's search for meaning: An introduction to logotherapy*. New York: Washington Square Press.
- Frankl, V. E. (1967). *Psychotherapy and existentialism: Selected papers on logotherapy*. New York: Washington Square Press.
- Friedman, L. (1998). *The anatomy of psychotherapy*. New York: The Analytic Press.

- Furhiman, A., & Burlingame, G. M. (Eds.) (1994). *Handbook of group psychotherapy: An empirical and clinical synthesis*. New York: Wiley.
- Gardner, H. (1994). The Creators' Patterns. In D. H. Feldman, M. Csikszentmihalyi, & H. Gardner (Eds.), *Changing the World* (pp. 69-84). Westport, CT: Praeger.
- Gelso, C. J., & Fretz, B. R. (1992). *Counseling Psychology*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.
- Gergen, K. J. (1988). If Persons Are Texts. In S. B. Messer, L. A. Sass & R. L. Woolfblck (Eds.), *Hermeneutics and Psychological Theory; Interpretive perspectives on personality, psychotherapy, and psychopathology* (pp. 28-51). New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gladding, S. T. (2003). *Counseling: a Comprehensive Profession* (5th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Goldfried, M. R. (Ed.). (2000). *How therapists change: Personal and professional reflections*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Gonçalves, M. M., & Gonçalves, O. F. (Eds.) (2000). *Psicoterapia, discurso e narrativa: a construção conversacional da mudança*. Coimbra: Quarteto.
- Gore, P. A., Jr., Leuwerke, W. C., & Krumboltz, J. D. (2002). Technologically enriched and boundaryless lives: Time for a paradigm upgrade. *The Counseling Psychologist*, (30) 6, 847-857.
- Greenberg, L., & Pinsof, W. (1986). *The Psychotherapeutic Process. A research handbook*. New York: Guilford Press.

- Guthrie, R. (1998). *Even the Rat was White: A Historical View of Psychology*. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Hacking, I. (1995). *Rewriting the Soul: Multiple Personality and the Sciences of Memory*. Princeton, MA: Princeton University Press.
- Hall, S. S. (2003). Quem precisa da identidade? In T. T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença* (pp. 103-133). Petrópolis: Vozes.
- Hansen, N. E., & Freimuth, M. (1997). Piecing the puzzle together: A model for understanding the theory-practice relationship. *The Counseling Psychologist*, 25, 654-673.
- Heft, H. (2001). *Ecological Psychology in Context: James Gibson, Roger Barker, and the Legacy of William James' Radical Empiricism*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Helms, J. E. (1992). *A race is a nice thing to have: A guide to being a white person or understanding the white persons in your life*. Content Communications: Topeka, KS.
- Henry, W. P., Strupp, H. H., Butler, S. F., Schacht, T. E., & Binder, J. L. (1993). Effects of training in time-limited dynamic psychotherapy: Changes in therapist behavior. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 61, 434-440.
- Holtzen, D. W., Kenny, M. E., & Mahalik, J. R. (1995). Contributions of parental attachment to gay or lesbian disclosure to parents and dysfunctional cognitive processes. *Journal of Counseling Psychology*, 42, 350-355.
- <http://www.bacp.co.uk/education/whatiscounselling.html>

- Jacobs, S. J., & Blustein D. L. (2008). Mindfulness as a coping mechanism for employment uncertainty. *Career Development Quarterly*, 57, 2, 174-177.
- James, W. (1902:1990). *The varieties of religious experience*. New York: Vintage Books.
- Kahhale, E. M. P. (2008). *Diversidade da Psicologia – uma construção teórica*. São Paulo: Cortez.
- Kahn, E. (1985). Heinz Kohut and Carl Rogers: A timely comparison. *American Psychologist*, 40, 893-904.
- Karen, R. (1994). *Becoming attached: First relationships and how they shape our capacity to love*. New York: Oxford University Press.
- Katz, J. H. (1978). *White awareness: Handbook for anti-racism training*. Norman, OK: University of Oklahoma Press.
- Kivlighan, D. M., Patton, M. J., & Foote, D. (1998). Moderating effects of client attachment on the counselor experience-working alliance relationship. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 274-278.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1995). Functional analytic psychotherapy: A behavioral approach to intensive treatment. In W. O'Donohue & L. Krasner (Eds.), *Theories of behavior therapy* (pp. 637-658). Washington, DC: American Psychological Association.
- Kopp, S. B. (1976). *If you meet the Buddha on the road, kill him!* New York: Bantam.
- Kottler, J. A. (2003). *On being a therapist* (3rd ed.). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Kozol, J. (1991). *Savage inequalities: Children in America's schools*. New York: Crown.

- Lacan, J. (1966). "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press.
- Lapworth, P., Sills, C., & Fish, S. (2004). *Integration in Counselling & Psychotherapy: Developing a Personal Approach*. London: Sage.
- Lazarus, A.A., & Messer, S.B. (1991). Does chaos prevail? An exchange on technical eclecticism and assimilative integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 1, 143-158.
- Lerner, H. (1989). *The dance of intimacy*. New York: Harper & Row.
- Lipke, H. (1999). *EMDR and Psychotherapy Integration: theoretical and clinical suggestions with focus on traumatic stress*. Boca Raton, FL: CRC Press.
- Lopez, F. G., & Brennan, K. A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: Toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 283-300.
- Luborsky, L., Barber, J. P., & Crits-Christoph, P. (1990). Theory-based research for understanding the process of dynamic psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 58, 281-287.
- Mahalik, J. R. (1999). Interpersonal psychotherapy with men who experience gender role conflict. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30, 5-13.
- Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- May, R., Angel, E., & Ellenberger, H. F. (Eds) (1958). *Existence: A new dimension in psychiatry and psychology*. New York: Basic Books.

- Maynard-Moody, S., & Musheno, M. (2003). *Cops, teachers, counselors: stories from the front lines of public service*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- McLeod, J. (2003). *Doing counselling research* (2nd ed.). London; Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Messer, S. B. (1992). A critical examination of belief structures in interpretive and eclectic psychotherapy. In J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds.), *Handbook of Psychotherapy Integration* (pp. 130-165). New York: Basic Books.
- Morawski, J. G. (1994). *Practicing Feminisms, Reconstructing Psychology: Notes on a Liminal Science*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press.
- Murphy, N. (1996). *Beyond liberalism and fundamentalism: How the modern and postmodern philosophy set the theological agenda*. Harrisburg, PA: Trinity Press International.
- Napier, A. Y., & Whitaker, C. A. (1978). *The family crucible*. New York: Harper & Row.
- Norcross, J., & Goldfried, M. R. (Eds.) (2005). *Handbook of Psychotherapy Integration*. New York: Oxford University Press.
- Parsons, F. (1909). *Choosing a vocation*. Boston: Houghton Mifflin.
- Patterson, C. H. (1967). Divergence and Convergence in Psychotherapy. *American Journal of Psychotherapy*, XXI, 4-17.
- Patton, M. (1977). A Model and a Metalanguage for Research on Psychological Counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 1, 25-33.

- Patton, W., & McMahon, M. (2006). *Career development and systems theory: Connecting theory to practice* (2nd ed.). Rotterdam: Sense Publishers.
- Pipher, M. B. (2003). *Letters to a young therapist: Stories of hope and healing*. New York: Basic Books.
- Polkinghorne, D.E. (1984). Further extensions of methodological diversity for counseling psychology. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 416-429.
- Polster, E. (1987). *Every person's life is worth a novel*. New York: W. W. Norton.
- Prochaska, J.O. (1995) An eclectic and integrative approach: Transtheoretical therapy. In A. S. Gurman & S. B. Messer (Eds.), *Essential psychotherapies: Theory and practice*. (pp. 403-440). New York: Guilford Press.
- Progoff, I. (1953). *Jung's psychology and its social meaning*. New York: Dialogue House Library.
- Pryor, R. G, L., & Bright, J. E. H. (2006). Counseling chaos: Techniques for practitioners. *Journal of Employment Counseling*, 43, 2-17.
- Reuchlin, M. (1992). Psychologie de la diversité. *Le Monde*, 14, Février.
- Rice, L., & Greenberg, L. (1984). *Patterns of change: Intensive analysis of psychotherapeutic process*. New York: Guilford Press.
- Robbins, S. B. (1989). Role of contemporary psychoanalysis in counseling psychology. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 267-278.
- Rogers, C. R. (1961). Divergent Trends. In R. May (Ed.), *Existential Psychology*. New York: Random House.

- Rogers, C. R. (1961). *On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy*. London: Constable.
- Roth. T., & Fonagy, P. (1996). *What Works for Whom*. New York: Guilford Press.
- Rothbaum, R., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K., & Morelli, G. (2000). Attachment and culture: Security in the United States and Japan. *American Psychologist*, 55, 1093-1104.
- Safran, J. D., & Messer, S. B. (1997). Psychotherapy Integration: A Postmodern Critique. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 4, 140-152.
- Santos, E., & Ferreira, J. A. (1998). Career Counseling and Vocational Psychology in Portugal: A Political Perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 52, 312-322.
- Santos, E., Ferreira, J. A., & Chaves, A. (2001). Implications of Sociopolitical Context for Career Service Delivery. *The Career Development Quarterly*, Vol. 50, 1, 45-55.
- Sarbin, T. R. (1986). *Narrative Psychology: the Storied Nature of Human Conduct*. N.Y.: Praeger
- Sartre, J. P. (2000). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes.
- Savickas, M. L., & Lent, R. (Eds.). (1994). *Convergence in theories of career development: Implications for science and practice*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.

- Schneider, K. J., & May, R. (1995). *The psychology of existence: An integrative, clinical perspective*. New York: McGraw-Hill.
- Sexton, T. L., & Whiston, S. C. (1994). The status of the counselling relationship: An empirical review, theoretical implications, and research directions. *The Counseling Psychologist*, 22, 6-78.
- Statts, A. W. (1991). Unified Positivism and Unification Psychology: Fad or Field? *American Psychologist*, 46, 899-912.
- Stricker, G. (1994). Reflections on psychotherapy integration. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 1, 3-12.
- Stricker, G., & J. Gold. (Eds.) (1993). *Comprehensive handbook of psychotherapy integration*. New York: Plenum.
- Strong, S. R., Welsh, J. A., Corcoran, J. L., & Hoyt, W. T. (1992). Social psychology and counseling psychology: The history, products, and promise of an interface. *Journal of Counseling Psychology*, Vol 39(2), Apr., 139-157.
- Strupp, H. H. (1989). Psychotherapy: Can the practitioner learn from the researcher? *American Psychologist*, 44, 717-724.
- Sue, D. W., & Sue, D. (2003). *Counseling the culturally diverse: Theory and practice* (4th ed). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Todd, J., & Bohart, A. C. (2006). *Foundations of clinical and counseling psychology*. New York: Harper & Row.
- Toukmanian, S., & Rennie, D. (1992). *Psychotherapy Process Research*. Newbury Park: Sage.

- Valach, L., & Young, R. A. (2002). Contextual action theory in career counselling: Some misunderstood issues. *Canadian Journal of Counselling*, 36(2), 97-111
- Van Dusen, W. (1973). *The natural depth in man*. New York: Harper & Row.
- Verene, D. P. (1997). *Philosophy and the Return to Self-Knowledge*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Vondracek, F. W., Lerner, R. M., & Schulenberg, J. E. (1986). *Career development: A life-span developmental approach*. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wachtel, P. L. (1993). *Therapeutic Communication: Knowing What to Say When*. New York: The Guilford Press.
- Waehler, C. A., Kalodner, C. R., Wampold, B. E., & Lichtenberg, J. W. (2000). Empirically supported treatments (ESTs) in perspective: Implications for counseling psychology training. *The Counseling Psychologist*, 28, 657-671.
- Watkins, C. E., Lopez, F. G., Campbell, V. L., & Himmell, C. D. (1986). Counseling psychology and clinical psychology: Some preliminary comparative data. *American Psychologist*, 41, 581-582.
- Watkins, Jr., C. E. (1991). *Research in Counseling*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Watkins, Jr., C. E., & Campbell, L. C. (Eds.) (1990). *Testing in Counseling Practice*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Watzlawick, P., Beavin, J. & Jackson, D. D. (1967). *Pragmatics of human communication*. New York: W. W. Norton.

- Watzlawick, P., Weakland, J. H. & Fisch, R. (1972). *Change: Principles of problem formation and problem resolution*. New York: W. W. Norton.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. New York: Cambridge University Press.
- Wertsch, J. V., del Rio, P., & Alvarez, A. (Eds.) (1995). *Sociocultural Studies of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Whitely, J. M. (Ed.) (1980). *The history of counseling psychology*. Belmonte, CA: Brooks/Cole.
- Wilson, E. A. (1998). *Neural Geographies: Feminism and the Microstructure of Cognition*. New York: Routledge.
- www.apa.org
- Yalom, I. (2002). *The gift of therapy: An open letter to a new generation of therapists and their patients*. New York: Harper Collins.
- Young, D., & Beier, E. (1998). *The silent language of psychotherapy*. New York: Aldine Transaction.
- Young, R. A., & Valach, L. (2008). Action theory: An integrative paradigm for research and evaluation in career. In J. A. Athanasou & R. Van Esbroeck (Eds.), *International handbook of career guidance* (pp. 643-657). Springer Science and Business Media B.V.
- Zanella, A. V. et al. (2006). Diversidade e Diálogo: reflexões sobre alguns métodos de investigação em psicologia. *Interacções*, Vol XII, nº 22, Jul.-Dez., 11-38.

Eduardo José Ribeiro dos Santos